

Rubem Braga

Há pelo menos dois jornais do Rio publicando romances em folhetim. Não são traduções, mas histórias escritas aqui mesmo, ao gosto local, pela senhora Suzana Flag e pela senhorita Avany Bruno.

Hão de me perdoar essas damas, tão distintas e temperamentais, se não leio esses folhetins; consolem-se com Homero e Milton, que ainda hoje esperam com notável paciência minha leitura; principalmente Milton, pois Homero ainda tem alguma esperança, o bom grego.

Direi, entretanto, que às vezes passo os olhos pelo meio de um rodapé e surpreendo, encantado, um movimento de paixão, um diálogo ferino, uma confiança grave e humana. São almas femininas torturadas de amor, e uma novela se chama "Núpcias de Fogo" e outra "Primeira Noite". Há dramas de família, e tão graves que Lúcia, que está diante do espelho, "é joven e linda e quer morrer". Há um rapaz chamado Carlos que "parece belo demais para um mortal", uma solteirona que faz vaticínios, um padrasto que odeia, há doenças do pulmão e fúrias de fraternal ciúme.

Tenho uma pobre alma delicada, que o drama fere e aborrece. Eu diria mesmo, sem constrangimento, alma feminina - e não digo porque, afinal, são as mulheres as grandes leitoras dessas patéticas desordens sentimentais. Lembro-me que há tempos fui ver "Medeia" pela senhora Morineau, que é, na verdade, uma grande artista. Deu-me ela um certo espanto e uma funda tristeza, tanto mais que no palco os outros quasi sempre não estavam à sua altura, nem perto, o que juntava uma tragédia nova à antiga.

A certa altura o cavalheiro que contracenava com Medeia era tão ruim que tive a impressão de que a nobre e terrível senhora ia imprecisar assim: "firam-me com a fúria dos Deuses, e que morram meus filhos e me dane eu, que já não tenho o amor de meu amado - mas não seja, senhor, tão canastrão!"

No folhetim moderno a linguagem é vulgar, e o diálogo chão (" - Você viu? - O que? - Aquele ali. - O que é que tem? - Nada.") mas a paixão tem toda a rude força antiga.

Já que misturei teatro com folhetim, darei o boato, que me passaram, de <sup>que</sup> Nelson Rodrigues pensa em adaptar para o teatro uma novela

de Suzana Flag . Fico apreensivo ; isso exaltará demais as senhoras e senhoritas da classe média , que são as que mais sofrem com essas coisas . E nós , pobres homens reais , lhes pareceremos depois ainda mais prosaicos e vulgares e vãos do que antes .

Que fazer ? A imprensa é contraditória . O próprio jornal que nos perturba com a senhora Flag diz , uma página antes , que devemos "acabar com isso" . O "isso", a que se refere é um pobre casal de namorados abraçado , em um banco . O jornal apela para a Radio Patrulha , que é uma espécie de corpo de bombeiros para os modestos incêndios do coração carioca . Sim , acabemos com o amor , que anda , como diz o jornal , "oferecendo espetáculos pouco recomendáveis à vista" . Em S.Paulo conseguiram tirar a estátua de um fauno , que havia no lindo jardim da biblioteca Municipal , e em seu lugar puzeram uma cruz . Aqui no Rio acabaremos substituindo aquela lânguida senhora nua defronte ao Teatro Municipal pela calva severa e fria do prefeito Mendes de Moraes ...

.X.X.X.X.X.X.